

Repetição e diferença

Por Renan Ji¹

Segundo alguns pensadores que se dedicaram ao riso, uma das principais formas de manifestação do cômico surge do distanciamento daquele que ri diante de um outro que se encontra em situação desfavorável. Não acho produtivo recuperar com mais detalhe pensadores como Thomas Hobbes e Henri Bergson, mas recomendo as sínteses realizadas por Ariano Suassuna, no seu *Iniciação à estética*, livro de 1972.

Mesmo sem explicar teorias, creio que o distanciamento ao qual me referi acima pode ser verificado em diversos contextos: comédias teatrais e televisivas, desenhos animados e na própria arte tradicional da palhaçaria. A dinâmica baseada na tensão entre branco x augusto (personagens-tipo da teoria do palhaço/clown) confirma essa acepção clássica: o branco é o que se acha inteligente e aparentemente dominante; o augusto é o ingênuo e atrapalhado, mas que sempre consegue de alguma forma dar a volta no seu parceiro. Essa dupla-modelo da palhaçaria organiza dramaturgias em que movimentos repetitivos replicam tabefes e quedas, numa espécie de jogo de gato e rato que parece se estender infinitamente. Achamos graça porque somos observadores externos olhando para esses seres incorrigíveis e farsescos no eterno retorno da claqué (os tapas falsos) e da cascata (as quedas).

O espetáculo *Mãos à obra* se propõe a revisitar esse esquema clássico, frequentemente associado aos espetáculos circenses. Os palhaços Sossego e Zaca são a dupla da vez, provocando muitas confusões nas suas empreitadas e desentendimentos. Eles são dois pedreiros que trabalham na construção do

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como crítico de teatro desde 2011, participando de festivais nacionais e internacionais em São Paulo (MITSp), Wrocław (Theatre Olympics, Polônia) e Wuzhen (Wuzhen Theatre Festival, China). É membro da Questão de Crítica, revista eletrônica de críticas e estudos teatrais.

condomínio Garden Golden Towers Boulevard Shopping Business & Residence. O cenário é o próprio canteiro de obras, e nele vemos trabalhados diversos signos do mundo do trabalho: carrinhos de mão, rádio, cimento, marmitas, tábuas e ferramentas. Com direção de Atul Trivedi, roteiro e criação de Adriano Laureano e Marcio Douglas, a montagem da La Cascata Cia. Cômica aposta na repetição do esquema clássico para encantar as plateias infantis.

O aspecto repetitivo e previsível ressoa bastante nos/nas espectadores/as mirins. Não me parece necessário revisitar teorias pedagógicas e psicanalíticas para aludir ao prazer da repetição que vemos nas crianças: o mesmo livro de histórias, o mesmo filme, a mesma comida – cada pequeno ou pequena tem seu predileto eterno retorno. *Mãos à obra* brinca com essa tendência, e é notável o riso prazeroso que provoca na plateia. Aliás, um efeito interessante do cômico que percebo principalmente no teatro para crianças é como o distanciamento aludido acima se desfaz quando a história termina: elas se aproximam e abraçam os palhaços, como se à comicidade e ao riso se sucedessem a simpatia e a aproximação.

De todo modo, o microcosmo cênico criado pelos palhaços Sossego e Zaca é um círculo fechado, o que reforça ainda mais o centramento do espetáculo na técnica da palhaçaria. A cena não comporta outros agentes ou condicionantes para além da dinâmica entre os dois atores. O mundo alienante do trabalho ou a construção das Golden Towers são apenas dados periféricos da dramaturgia, sem conexão alguma com a cena trabalhada pelos personagens.

Diante desses dados, seria interessante pensar os efeitos da repetição pura e sem ruídos do embate entre os bonecos branco e augusto. Utilizo a palavra “bonecos” precisamente porque o arranjo tende ao mecânico, a uma repetição do mesmo. A repetição na infância é um paraíso, idílio em que mães e pais nos completam e histórias de encantamento sempre entregam aquilo que prometem. Mas podemos nos perguntar: quando é interessante ou não mexer nessa máquina perfeita? É melhor deixar a vida se encarregar de criar as fraturas na nossa inocência repetitiva, ou a arte pode abarcar alguns desses desvios?

Em termos de dramaturgia, acredito que a possibilidade de criar ruídos no conforto da repetição produzem possibilidades de sair da caixinha, de pensar outras formas de imaginar. Quando projetos de obra se revelam papéis em branco, a voz violenta e ditatorial do chefe (que aparece num áudio em *off*) talvez possa ser

questionada. Quando se mistura o café com os dedos sem queimar, o *nonsense* pode nos ensinar a rir não só da incoerência, mas dos próprios disparates da vida.

Quando o próprio mundo do trabalho é aquele da repetição monótona, da rotina alienante e da submissão àquilo que nos dizem ser possível, penso como uma motivação focar nessas pequenas falhas da máquina para que a engrenagem do trabalho e da arte provoque transformações. Na repetição que faz gargalhar, talvez seja necessário provocar mais desses pequenos desvios de rota, para que a engrenagem do humor gire como sempre, mas com aquela pequena dose de diferença que possa dar o senso de um novo porvir.